

1 - Mudança de conjuntura africana desde a década de 1980

Lui Martinez Laskowski

A África de 1980 era uma fronteira política nova, recém libertada, ao menos formalmente, da política colonial da metrópole europeia. Os novos Estados africanos estavam ainda num pleno processo de construção de Estados modernos nacionais e redefinindo sua inserção internacional¹ - um processo que, se causou choque em seus conflitos de aparência étnica ou “tribal”, não diferiu do sangrento processo europeu de construção forçosa do Estado.

O desmonte gradual da União Soviética, a partir do período de tensão entre 1981 e 1983, levando a sua queda e aliança subordinada aos interesses ocidentais nos anos 1990, levou, na África, a um processo de marginalização estratégica, conforme a África deixava de ser um *front* Leste-Oeste² e o auxílio estrangeiro diminuía com o “aquecimento” de outras regiões, como a Ásia Central e o Oriente Médio³; os efeitos econômicos desastrosos da política agressiva de mudança de regime e ultraliberalização dos EUA e de Bretton Woods, que levavam à redução do setor público e fortaleciam as milícias, se aliaram a esta marginalização e produziram o que os grandes periódicos viram, durante as últimas décadas do século XX, como “o continente perdido”.

Esta tempestade perfeita, aliada à manutenção de certas práticas neocoloniais, como a *Françafrique* que hoje corresponde *grosso modo* à região do franco CFA⁴, culminaram, diante da desestabilização do continente, no que Visentini chama de *grande guerra interafricana*⁵, que emergiu quando ditadores antes apoiados eram agora pressionados a adotar democracias liberais que não tinham meios para se sustentar⁶. Na mesma época a eleição de Mandela na África do Sul levou a uma onda de violência⁷, e no cenário político de ampla nuance e complexidade do conflito o genocídio na região dos Lagos⁸ definiu a visão do Ocidente acerca da África por anos.

A África entrou no Século XXI fragmentada e enfraquecida, mas os processos políticos de consolidação de Estados e políticas externas tiveram, depois do imenso conflito, tempo para amadurecer numa política regional mais sólida que começa a dar frutos. Logo nos anos 1990 se fundaram diversos organismos de cooperação regional, como a União Econômica e Monetária da África Ocidental, e se fortaleceram organismos mais antigos, como a Comunidade para Desenvolvimento da África Austral. Em 2002 a Organização da União Africana tornou-se a União Africana, que hoje inclui todos os países do continente.

Economicamente, os Estados africanos estão entre os que mais crescem no mundo, e a ampliação da cooperação regional, aliada a Estados mais maduros e capazes de controlar melhor seu território e definir seus projetos de desenvolvimento e interesses, levou a uma notável redução no número de conflitos. A Cooperação Sul-Sul tem um papel importante na África, que desenvolve parcerias notáveis com a China, a Índia e o Brasil.

¹ VISENTINI, Paulo Fagundes. *Perspectivas e desafios da África no Século XXI*, p.2.

² Id.

³ VISENTINI, Paulo Fagundes. *O desenvolvimento asiático e a multipolaridade (1971-2011)*, p.80; ROCHE, Alexandre. *Orientes Médio no Pós-Guerra Fria*, p.4.

⁴ Id.

⁵ VISENTINI, Paulo Fagundes. *Perspectivas e desafios da África no Século XXI*, p.7.

⁶ VISENTINI, Paulo Fagundes. *Século XXI*. p.26-27.

⁷ Id.

⁸ Id.

2 - Desafios político-estratégicos no Oriente Médio do pós-Guerra Fria

Lui Martinez Laskowski

O Oriente Médio esteve diretamente envolvido na política externa da Guerra Fria desde o período da descolonização. A Crise de Suez foi um exemplo emblemático, com a nacionalização do Canal sob a política terceiro-mundista de Nasser e o apoio soviético. A estratégia soviética para destruir a hegemonia na região era a dominação da periferia norte-nordeste (Afeganistão) e penetração naval, mas o interesse soviético na região era voltado à desestabilização da hegemonia ocidental, visto que as necessidades energéticas da União nunca estiveram ameaçadas. Com o tratado de Camp David, a URSS perdeu no Egito um aliado importante, e a formação do eixo Cairo-Washington teve início.

A região sempre conheceu certos conflitos e oposições, entre regimes laicizados, sunitas de diversas tendências e xiitas muçulmanos. É fundamental entender o papel político da religião no Oriente Médio⁹, um papel pouco familiar para os interventores ocidentais. Entre estes conflitos, sempre esteve a rivalidade entre Israel e Palestina, mesmo com significativas consequências externas - como a o regime palestino no Líbano a partir de 1972 e a invasão israelense em 1982, e as contradições do regime saudita, aliado próximo do ocidente com ideais de modernização aliados a uma política islamista wahhabista tradicional espalhada por escolas islâmicas fundamentais em todo o eixo Meca-Medina.

Após a tentativa soviética de dominar seu “teto”, o Afeganistão - que encontrou apoio popular, mas não sucesso militar¹⁰ - os regimes da região passaram a desconfiar da URSS, e a influência soviética diminuiu conforme a própria União inalava seu último suspiro. A ausência de bipolaridade fez com que os conflitos e oposições extrapolassem seus limites anteriores. Ao longo dos anos 1990, os quatro elementos principais das relações regionais foram o nacionalismo, a revolução, as monarquias conservadoras tradicionais e o conflito Israel-Palestina.

A presença do elemento externo unipolar a partir da derrocada da URSS trouxe a este cenário já desestabilizado suas próprias consequências. A Guerra Irã-Iraque, cujas sementes estavam já numa política americana de desestabilização desde antes da Revolução Islâmica, opôs duas potências médias que, embora no início tenha se enfraquecido e servido aos interesses de Israel e do Ocidente, logo mostrou estar criando experiência militar significativa em ambos os beligerantes, bem como sua expansão e armamento. A paz foi proposta com o pretexto de garantir a livre navegação pelo Golfo Pérsico, conforme esta restou prejudicada. O Iraque, endividado e militarizado, se tornou uma ameaça à hegemonia da região, levando à primeira Guerra do Iraque sob outros pretextos.

Hoje, qualquer tentativa de estabilização da região passa (i) pelo eixo Washington-Cairo-Riadh e sua cooperação contraditória às práticas fundamentalistas do governo saudita; (ii) pelo conflito Israel-Palestina, que opõe toda a região a uma série de contradições; e (iii) a tendência ocidental em separar os dois epicentros de instabilidade da região, o Golfo e o Oriente Próximo, desconsiderando as conexões políticas, financeiras e religiosas que a tornam um único e complexo conflito¹¹.

⁹ ROCHE. *Tensões da Primavera do mundo Árabe-Sunita*, p.3.

¹⁰ ROCHE. *O oriente médio pós-Guerra Fria: a geopolítica e o processo de paz Israel-OLP*, p.10-11.

¹¹ Op. cit., p.16.